

Impasse externo pode levar Bresser a sair

ADEMAR SHIRAISHI
Da Editoria de Economia

O Brasil não irá recorrer a acordo stand by para obter cerca de 3 bilhões de dólares do Fundo Monetário Internacional, não terá sequer o aval do FMI para levantar o impasse com o Clube de Paris e ficará longe de qualquer dinheiro novo em 1988, a começar dos japoneses. Dentro desse novo quadro pessimista, traçado por graduada fonte do Ministério da Fazenda, o ministro Luiz Carlos Bresser Perelra não tem condições de retomar, em janeiro, a renegociação de médio prazo da dívida externa com os bancos credores e está mesmo disposto a deixar o cargo.

Até o momento, nenhum membro da equipe econômica do Governo emitiu qualquer avaliação oficial da missão do FMI que, entre os dias 26 de novembro e 4 deste mês, percorreu os diversos gabinetes de Brasília e Rio de Janeiro. Mas, ontem, o **CORREIO BRAZILIENSE** apurou que, ao contrário das versões mais otimistas publicadas em alguns jornais, a missão do FMI nada produziu de concreto, a favor do Brasil.

O chefe da missão do FMI, Thomas Reichmann, deixou claro que veio explorar as condições para um eventual acordo stand by, porém, as muitas incertezas internas impediram a obtenção de "uma visão mais sólida" da economia brasileira. Por isso, Reichmann descartou por completo a hipótese da missão preparar um relatório formal sobre as perspectivas econômicas do País em 1988.

O máximo que se pode esperar de Reichmann é um relato informal ao

board do FMI e, se solicitado, fornecer uma rápida avaliação ao comitê de assessoramento dos bancos credores. Reichmann também não fez qualquer previsão de retorno ao Brasil, diante da falta de confirmação do interesse do Governo brasileiro de abrir os entendimentos para um acordo stand by, que poderia permitir o saque, nos próximos três anos, de cerca de 3 bilhões de dólares junto ao FMI.

Envolvido por pressões até de dentro do Executivo, o ministro da Fazenda viu enfraquecida a sua posição para tentar negociar com o PMDB a ida formal ao FMI. Na falta de qualquer objetivo concreto, Bresser Perelra decidiu sonegar à missão do FMI projeções mais detalhadas sobre o desempenho da economia no próximo ano, até por não dispor do consenso em torno do instrumental de ajuste, centrado no incerto "Pacote Fiscal".

ESTACA ZERO

Para não deixar a comunidade financeira internacional vazia de previsões sobre a economia brasileira em 1988, o Ministério da Fazenda encaminha hoje ao diretor do Banco Mundial pelo Brasil, economista Pedro Malan, a projeção para o setor externo, aberta em um cenário realista e outro pessimista para o refinanciamento da dívida e a partir da estimativa de manutenção de superávit comercial de 10 bilhões de dólares.

A rejeição do acordo formal com o FMI elimina qualquer previs-ão de retomada dos entendimentos com o Clube de Paris para a rolagem da dívida a credores oficiais, vencida desde o início deste ano. As nu-

vens negras atingem até os financiamentos em negociação com o Banco Mundial e podem retirar o Brasil da corrida dos países endividados pelo dinheiro novo que os japoneses prometem desembolsar, nos próximos anos, via FMI e outros organismos internacionais.

Embora os pouco mais de 100 dos maiores bancos credores tenham, nos últimos dias, assegurado o fechamento do acordo provisório para o refinanciamento parcial dos juros devidos pelo Brasil este ano, a falta do "monitoramento" do FMI deve bloquear de novo a busca do acerto final para a rolagem da dívida a vencer até dezembro de 1989.

O ministro da Fazenda sabe que, sem o FMI, toda a renegociação da dívida voltará à estaca zero. Nem vale a pena voltar à mesa de conversações em Nova Iorque, no mês que vem. Por essa razão, aumentam as especulações em torno da saída de Bresser Perelra para que, à revelia do PMDB, o Governo Sarney faça a sua política econômica e vá ao FMI.

Coincidência ou não, o presidente do Banco do Brasil, Camillo Calazans, cria espaço para alimentar a ambição de suceder Bresser Perelra e pediu para o vice-presidente de operações internacionais do Banco, Adroaldo Moura da Silva, adiar de terça-feira passada para o próximo domingo viagem a Madri e Londres. Embora Adroaldo esteja também na bolsa de apostas para a eventual vaga de Bresser Perelra, Calazans se considera candidato mais forte, nas preferências palacianas e pode negociar a ascensão do seu vice à presidência do BB.